

O conceito de circunstância em Ortega y Gasset*

José Mauricio de Carvalho¹

Universidade Federal de São João del-Rei

Neste trabalho examinamos o conceito de circunstância desenvolvido por José Ortega y Gasset in *El espectador* (volume 2 da suas *Obras completas*). O volume contém ensaios organizados em oito livros. *El espectador* representa a transição da fase inicial de seu pensamento para o momento de maturidade. O conceito de circunstância objeto deste estudo é fundamental para se entender a fase madura do pensamento orteguiano, nele o eu não se separa da circunstância e são ambos fundamentais para pensar a vida, objeto fundamental da investigação orteguiana.

In this paper we examine the concept of circumstance as developed by José Ortega y Gasset in *El Espectador* (vol. 2 of his Complete Works). The volume contains essays made up of eight parts. *El Espectador* represents the transition from the early phase to the decisive moment of Ortega's thinking. The concept of circumstance, which is the object of this study, is fundamental so that we can understand the mature phase of Ortega's thinking. In it the "I" does not distinguish itself from circumstance and both are fundamental to reflect upon life, fundamental object of Ortega's investigation.

Palavras-chave: Circunstância - Raciovitismo - Ontologia.

Keywords: Circumstance - Ratiovitalism - Ontology.

Considerações iniciais

Vamos examinar, neste trabalho, como José Ortega y Gasset² elabora o conceito de *circunstância* que se torna fundamental em sua meditação filosófica. Para começar é importante distinguir uma fase inicial de seu pensamento quando o filósofo se mantém próximo do neokantismo alemão e em diálogo com Edmund Husserl (1859-1938) da segunda e decisiva fase de sua

* The concept of circumstance in Ortega y Gasset

¹ Endereço para correspondências: Departamento de Filosofia da UFSJ, Praça Dom Helvécio, 74, Fábricas, São João del-Rei, MG, 36310-160 (mauricio@ufsj.edu.br).

² José Ortega y Gasset, escritor e filósofo espanhol, nasceu e morreu em Madrid, respectivamente nos anos de 1883 e 1955. Começou seus estudos no Colégio Jesuíta próximo à Málaga (Andaluzia). Mais tarde estudou nas Universidades de Marburgo, Leipzig e Berlin (Alemanha). Voltando à pátria em 1914 tornou-se professor na Universidade de Madrid. Em 1923 fundou a conhecida *Revista do Ocidente*. Em 1931 teve breve experiência política, elegendose deputado da República. Com a explosão da Guerra Civil em 1936 é obrigado a deixar a cátedra e refugiar-se no exterior. Reside muito tempo longe de seu país em vários países: França, Holanda, Portugal e Alemanha, voltando à Espanha em 1948. No mesmo ano funda com Julián Marias o Instituto de Humanidades. Suas obras mais importantes são: *Meditações do Quixote*, *A desumanização da Arte*, *A rebelião das massas* e *O homem e a gente*. Ortega y Gasset desenvolveu uma filosofia da vida, partindo de fonte diversa da empregada por Unamuno. Ele foi discípulo de Herman Cohen. "Notam-se nele, além da escola neokantiana, as influências do historicismo de Dilthey, do relativismo de Simmel, do intuícionismo de Bergson e do vitalismo em geral" (SCIACCA, 1968, v. III, p. 199).

reflexão que principia com a recepção de *Ser e tempo* (1927) de Martin Heidegger (1889-1976). Na fase final ele elabora e/ou desenvolve elementos fundamentais do *raciovitalismo*, inclusive o conceito *circunstância* problema central deste artigo.

A noção de *circunstância* é essencial para o entendimento da ontologia orteguiana e para perceber as diferenças em relação a filósofos importantes do seu tempo como Martin Heidegger e Edmund Husserl. Neste trabalho vamos examinar o conceito de *circunstância* desenvolvido nos oito livros de *El espectador* (vol. II das *Obras completas*, 1998). Os ensaios reunidos em *El espectador* foram publicados entre 1916 e 1934, eles fazem parte da transição para a fase madura da meditação orteguiana. O texto tem o caráter de obra íntima de reflexão pessoal sobre diversos assuntos.

O conceito *circunstância* foi amadurecido e ampliado nos ensaios de *El espectador*. Ele aparece pela primeira vez na introdução de *Meditações do Quixote* (1914). Naquele livro o conceito representa o entorno do corpo, coerente com a descoberta da ciência biológica que no seu tempo estuda o organismo num meio particular. Desde que publicou as *Meditações do Quixote* Ortega y Gasset entende *circunstância* como parte da realidade pessoal. Nos livros de *El espectador* amadurece o conceito de *circunstância* que usará nos últimos trabalhos das décadas de quarenta e cinquenta. A mudança significa a ampliação do sentido para além das sugestões da Biologia. O conceito alargado nos livros de *El espectador* inclui o entorno ao eu, isto é, o meio exterior e as características do organismo: tanto físicas quanto psicológicas que envolvem o eu. *Circunstância* passa a ser tudo o que rodeia o eu: a realidade cósmica, a corporalidade, a vida psíquica, a cultura em que se vive, nela incluída também as experiências acumuladas no tempo³. Ortega y Gasset denominará habitação a *circunstância* que o eu reconhece como seu ambiente familiar. Edmund Husserl já denominara *Uexküll* a este entorno reconhecido pelo eu, mas para o alemão o entorno tinha um caráter restrito ao temporal. Apesar de próximo do proposto por Husserl, o conceito orteguiano é mais amplo.

O núcleo da metafísica orteguiana

É importante entender o que significa *circunstância* para se chegar ao objeto central da filosofia orteguiana: a *vida*. A vida é única e não se confunde com *circunstância*, pois ela não é pura recepção do que se passa em volta do eu, explica Ortega y Gasset em *Temas de viaje* (1922). A vida é o que cada pessoa faz com a *circunstância* como já comentamos (CARVALHO, 2002, p. 71):

³ Conforme já dissemos em *O homem e a Filosofia* (CARVALHO, 2007, p. 125): “O ambiente do homem e o próprio homem nesse ambiente constituem uma espécie de síntese”. Esta é a forma orteguiana de entender circunstância. O conceito não representa o entorno cultural do homem, não é também o seu lado interior considerado separadamente da cultura, mas a interação entre eles.

“[...] mesmo que fossem iguais os elementos da habitação, não seriam iguais as vidas de dois gêmeos univitelinos que vivessem juntos no mesmo local”. Dito de outro modo, vida é realidade radical que aproxima *eu* e *circunstância*.

A conhecida passagem orteguiana *eu sou eu e minha circunstância* encontrada nas *Meditações do Quixote* une o *eu* e a *circunstância* de modo inseparável. A realidade vital é a vida, eu estou aqui no meio de muitas coisas: sentimentos, ideias, valores, época, sociedade, com as quais permaneço em relação enquanto vivo. *Eu* e *circunstância* interagem e se completam. A vida é o resultado desta relação, mas não se confunde com ela, *eu* e *circunstância* só se deixam ver de verdade na vida que é a realidade concreta e real. O principal estudioso da filosofia orteguiana precisa este núcleo do seguinte modo:

Encontro-me, pois, desde logo, na vida, encontro-me vivendo, na vida encontro as coisas e me encontro a mim mesmo; isto é, a vida é o primário, é anterior as coisas e a mim, me é dada, sem suma, e tanto o eu como as coisas são secundárias a ela, ingredientes seus, realidades derivadas, ou, se se prefere, realidades radicadas nela, que é, ao contrário, a realidade radical (MARIAS, 1991; p. 27).

Considerar a vida como o núcleo da metafísica orteguiana exige que a consideremos como algo maior do que um fenômeno biológico, exige enxergá-la como expressão de valores: “apontar a vida como o grande problema a ser investigado não significa mergulhar numa forma de viver primitiva, anterior à estruturação da cultura e seus valores” (CARVALHO, 2004; p. 69). E diríamos ainda mais. Segundo Ortega y Gasset a situação concreta, nuclear e vital do sujeito é o ponto de onde se parte para pensar toda a realidade: “o filósofo olha a vida como um princípio, e um princípio é de natureza racional, é uma forma de esclarecimento da razão” (*idem*, p. 69).

Circunstância em “El espectador”, o entorno ao *eu*

Partimos do seguinte: *circunstância* é um conceito fundamental para se entender o raciovitalismo orteguiano. Não é um exagero o que escreveu uma estudiosa de Ortega y Gasset (AMOEDO, 2002; p. 224/5): “circunstância – com tudo que ela implica – representa a intuição fundamental de Ortega, o que determina a diferença específica de seu filosofar e a raiz que explica todas as suas atividades”.

Nos diversos ensaios de *El espectador* o problema do que envolve o *eu* aparece e é investigado. Em *Verdad y Perspectiva* (1916), o filósofo associa ser espectador com buscar a verdade. Desde a Antiga Grécia os filósofos aceitaram o desafio de buscar a verdade e este é um problema para a multidão de pensadores que se inserem na tradição filosófica.

Para o filósofo é importante mirar o mundo “com olhar suplicante de náufrago, a quem importa a verdade, a pura verdade, o que as coisas são por si mesmas” (ORTEGA Y GASSET, 1998; p. 16). Trata-se de atitude fundamentalmente filosófica ou teórica que se opõe à atitude prática, por exemplo, dos políticos. Ortega y Gasset a percebe em Platão (438-348 a.C.) que, no livro da *República*, diz o que são os homens que se dedicam a contemplar a verdade. Afirma: “são os especulativos, e à frente deles os filósofos, os teorizadores” (*idem*, p. 17). Ortega y Gasset não fala, contudo, de uma contemplação de idéias que transcendem a consciência como fazia Platão, mas da descrição da vida em todas as suas manifestações. Eis como o faz: “olha, porém o que vê é a vida que flui ante ele” (*idem*, p. 18). O Espectador é o homem que contempla o mundo com o propósito de entendê-lo e o olha buscando compreender o que ele é fundamentalmente? Em nosso tempo o tema que pede esclarecimento é a vida. E o espectador a contempla como uma subjetividade singular, um eu concreto e não como uma razão abstrata ou uma consciência universal. Esta conclusão tem implicações importantes. Cada um é um eu particular, a verdade se apresenta para ele de modo singular como esclarece Ortega y Gasset: “cada homem tem uma missão de verdade. Donde está minha pupila não está outra, o que da realidade vê minha pupila não o vê outra” (*idem*, p. 19). Portanto, a verdade se apresenta a cada um segundo uma perspectiva.

O olhar, ou melhor, os sentidos e a consciência do indivíduo se dirigem para o seu entorno imediato, não para algo distante e abstrato. Assim, é o olhar dirigido à mulher que toma um bonde onde alguém está. O que contempla o observador? A beleza dela. Seria a beleza expressão de uma forma pré-existente ou uma ideia pura de beleza, como dizia Platão, com a qual comparamos aquela mulher concreta? Não, responde o filósofo em *Estética em el tranvia* (1916). “não há um modelo único e geral a que imitam as coisas reais” (p. 34). Cada mulher é única em sua beleza e, por sua vez, cada homem é capaz de vê-la de um modo distinto, igualmente singular. Esta atitude de olhar e avaliar a beleza à volta, num fenômeno que Ortega y Gasset chama de cálculo da beleza feminina, é atitude fundamental de avaliação do entorno. Esta atitude não se aplica só a esta situação, mas a todas as quais o *eu* é desafiado a contemplar e estimar. Ele esclarece: “o cálculo da beleza feminina uma vez realizado serve de chave para todos os demais reinos de valorização” (*idem*, p. 38).

O que o homem avalia? Tudo o que lhe aparece, tudo que está diante dele e lhe oferece resistência. Diz o filósofo no ensaio *Tierras de Castilla* (1911): “as coisas estão aí, diante de nós, oferecendo-se ou servindo-nos” (p. 43). A mesma atitude se espera quando a pessoa está diante de ideias e não de fatos, complementa em *O gênio da Guerra* (1916). No caso são as ideias que estão aí diante de nós e que devem ser examinadas com objetividade, como ele diz: “não interessa desvirtuar as ideias alheias em proveito das próprias.

Ao contrário, o empenho é extrair - a maior quantidade possível de bom sentido” (p. 218). Portanto, em relação a fato ou ideia, o espectador da *circunstância* busca a verdade ou o bom sentido. Bom sentido é o que nasce da descrição cuidadosa do entorno, da paisagem que envolve o eu enquanto se movimenta ou das ideias que estão diante dele. A paisagem surge numa mirada singular, ela pode ser compartilhada e reconhecida pelos outros, embora seja única em sua gênese. Trata-se de atividade que exige tempo e cuidado, explica Ortega y Gasset no ensaio *De Madrid e Astúria o los dos paisajes* (1915) que está no *Espectador III*: “Esse tempo e outro são insuficientes para conhecer o corpo e a alma de uma comarca, ainda que se dedicando por inteiro a seu estudo” (p. 251). Além da perspectiva distinta, a paisagem muda também com o tempo. A descrição da paisagem vista da janela do trem tem semelhança com outras situações de nossa vida. O entorno se transforma à nossa volta, as coisas mudam, temos história. Desde a infância o que está a nossa volta se altera diz o filósofo: “No tempo que dizemos já vem, já vem, a esta paisagem, a esta amizade, a este acontecimento temos que ir preparando os lábios para dizer já se vão, já se vão” (*idem*, p. 247). E este contorno do eu integra a vida de todos nós, somos um *eu* e uma *circunstância* inseparáveis, e um *eu* histórico, envolvido numa *circunstância* também histórica. No ensaio *Elogio del Murciélagos* (1921), texto de *Espectador IV*, Ortega y Gasset fala que a paisagem que envolve o *eu* funciona como pano de fundo da vida do homem e se explica junto com ela. Este cenário não se separa do eu e se torna, por tal vínculo, algo diverso do que ele é por ele mesmo. Nas palavras do filósofo: “A paisagem tem o destino de ser fundo de algo que não é ele e servir de cenário a uma cena vital” (p. 338). O entorno só faz sentido associado a um eu e este reconhecimento de que não é possível separar o homem do mundo, ou o eu da circunstância que o envolve, explicita-se ainda mais em *Conversación em el Golf o la Idea del Dharma* (1925), onde afirma: “Se não existe alguém que ateste a existência das demais coisas, esta seria como nula” (p. 405). Portanto, apesar das diferenças que indicaremos adiante, o raciovitalismo incorpora o que há de essencial na fenomenologia.

O conceito de *circunstância* contempla o entorno que não se resume à paisagem representada pelo ambiente social ou o nós. Este ponto é marcante no raciovitalismo, o entorno ao eu inclui a intimidade representada pelos mecanismos fisiológicos da vida, das leis que regem a alma e pelas expressões do pensamento ou espírito, tudo isto histórico e escondido em cada homem. Diz o filósofo em *Sobre la expresión fenómeno cósmico* (1925): “A diferença de todas as demais realidades do universo, a vida é constitutiva e irremediavelmente uma realidade oculta, inespacial, um arcano, um segredo!” (p. 578). A intimidade ou o lado de dentro que representa a parcela oculta da vida também circunscreve o *eu*, como também o envolve a situação exterior, a realidade social, econômica, política, temporal, em resumo cultural onde vivemos.

O lado de fora do indivíduo, aquilo que se manifesta para os outros, é expressão do interior que se deixa ser conhecido pelo que aparece fora. O homem tem, pois um lado de fora e um de dentro e ambos circunscrevem o eu, sendo que o corpo põe à mostra a alma, diz o filósofo: “quando falamos com alguém estamos vendo sua alma como um mapa marinho diante de nós. E elegemos o que se pode dizer e desculpamos o que se deve calar, esquivando dos recifes daquela alma” (*idem*, p. 589). O que Ortega y Gasset está dizendo é que não somos de todo opacos, de algum modo nosso corpo deixa ver a alma, é transparente.

A descrição do contorno do eu encontra a alma como o primeiro círculo e só depois aparece a dimensão social. No entanto, se as coisas parecem ser assim ao eu adulto, a gênese da *circunstância* e seu desenvolvimento não se dá nesta ordem. Primeiro o *eu* reconhece o nós, o cultural, o que está longe do *eu* e só depois é que descobre o lado de dentro. Ou, como afirma o filósofo em *Egipcios* (1925): “O que primeiro se forma de cada alma é sua periferia, a película que forma os demais, a pessoa e o eu social” (p. 716). Só depois descobrimos nossa intimidade como um mundo próprio de experiências íntimas, representações e sentimentos.

A multiplicidade de perspectivas e a fidelidade à própria

Ao comentar o que está entorno do *eu*, Ortega y Gasset destaca a singularidade do olhar que o revela. É sobre a unicidade deste olhar que vamos tratar agora. Parte da singularidade possui uma raiz cultural como o filósofo esclarece no já mencionado ensaio *De Madrid a Astúrias o los dos paisajes*, onde comenta a diferença de perspectiva entre homens de diferentes regiões. Diz: “que o olhar asturiano, em geral, do norte é distinto do castelhano e isto não é uma maneira de dizer. Segundo parece nada ignora, a vista e o ouvido procedem a diferenciação sofrida ao longo do movimento evolutivo” (p. 256).

A diferença entre as pessoas de grupos distintos que é visível na descrição da paisagem é menos verificável no uso da técnica e mais explícita na expressão dos sonhos. Os sonhos singularizam mais os grupos que o uso da tecnologia. Portanto é o lado de dentro que mais marcadamente diferencia os homens de diferentes grupos, ele esclarece em *Elogio del Murciélagos*: “O homem de Calcutá e o de Paris, quando querem transportar algo usam identicamente a roda. Em contrapartida, se diferenciam quando se põem a sonhar” (p. 320). Logo, a tecnologia é mais generalizada entre os grupos humanos que os sonhos.

Outro aspecto da circunstância que diferencia o olhar do *eu* é o momento histórico. O homem ordinariamente busca o prazer e evita a dor, diz o filósofo acompanhando Sigmund Freud (1856–1939), mas algumas vezes este princípio de origem fisiológica se altera porque a circunstância social o modifica.

Afirma Ortega y Gasset que frequentemente “os homens se preocupam mais em buscar prazeres que evitar as dores, mas outras vezes ocorre o inverso” (*idem*, p. 31). Esta diferença na topografia comportamental tem uma raiz cultural porque o homem estabelece uma relação ativa com o meio, isto é, ele reage ao mundo natural, mas não responde sempre da mesma forma. Ele vê o mundo de modo distinto e reage a ele de maneira diversa. O homem ao reagir modifica o ambiente geográfico que lhe serve de base para a vida. Descreve o pensador em *Temas de viaje*: “A terra influi no homem, porém o homem não é um ser reativo, sua resposta pode transformar a terra em torno” (p. 372). Esta mudança do meio é uma característica do modo humano de ser, pois o homem é capaz de transformar o meio para torná-lo mais de acordo com suas necessidades. Este reconhecimento da atividade humana como indicativo do seu modo de ser é uma constatação que ficou da primeira fase de seu pensamento, quando o pensador se movia sob a influência do culturalismo alemão. Esta questão se explicita adiante, onde ele diz:

A vida não é recepção do que se passa fora, antes pelo contrário, consiste em pura atuação, viver é interior, portanto, um processo de dentro para fora, em que invadimos o contorno com atos, obras, costumes, maneiras, produções segundo estilo originário que está previsto em nossa sensibilidade (*idem*, p. 378).

No mundo cultural, a situação econômica tem peso marcante e influi o modo de olhar o mundo, conforme notou Karl Marx (1818-1883) ao estudar os movimentos da sociedade. Ortega y Gasset concorda que, pelo menos no século XIX, deu-se maior importância à economia que aos outros aspectos da vida social, o que faz a teoria de Marx verdadeira em termos gerais. Afirma em *La interpretación bélica de la historia* (1926): “O homem moderno vinha progressivamente convertendo-se em homem econômico. Ele se preocupava, sobretudo, de usar meios úteis. Sentia a vida como um afã utilitário” (p. 526). O que confere credibilidade e verdade à teoria de Marx é a circunstância histórica da sociedade europeia do seu tempo. No entanto ela não serve para explicar o mundo quando as circunstâncias culturais se modificaram, fato que ocorreu nos últimos tempos.

A sexualidade humana, o fato de que a humanidade é feita de homens e mulheres, é uma *circunstância* que afeta o modo de olhar o mundo. A mulher, mais do que o homem, afirma o filósofo em *Divagación ante el retrato de la marquesa de Santillana* (1918) publicado em *El espectador VIII*: “não faz depender sua felicidade da benevolência do público, nem a submete à aceitação ou repulsa o que é mais importante em sua vida” (p. 688).

Este aspecto físico da circunstância se reflete na condição psicológica de homens e mulheres. As mulheres têm uma vaidade mais explícita do que o homem, mas esta vaidade afeta menos seu mundo interior. O homem diversamente, apesar de ostentar uma vaidade menos explícita, a cultiva mais profundamente em seu interior. Afirma: “Se o talento ou a autoridade política aparecessem na face, como ocorre com a beleza, a presença da maior parte dos homens seria insuportável” (*idem*, p. 689).

As características psicológicas de homens e mulheres se mostram de muitos modos. Um outro exemplo de como a mulher vive mais voltada para seu íntimo está na forma de viver o recato. Para Ortega, o que a mulher pretende esconder com mais força é o seu íntimo e não o seu corpo. “Os gestos de pudor não são senão a forma simbólica [...] desse recato espiritual” (*idem*, p. 689). As diferenças entre homens e mulheres continuam a ser investigada no ensaio. Ele afirma que justo por resguardar mais o seu interior é que a mulher tem mais segredos que o homem. É este recato íntimo que atrai o homem. Don Juan, por exemplo, se apaixona por uma monja e não por uma prostituta.

Fidelidade ao que se é

No pequeno ensaio intitulado *Estética em tranvia* atrás citado, Ortega y Gasset apresenta a vida de cada pessoa como sendo a realização do que ela é. Este projeto é condição da vida de cada um e o revelador de sua realidade. Cada homem olha o mundo de um modo, o que faz da *circunstância* algo singular porque o entorno ao eu é afetado pelo modo como ele é percebido. Assim, é importante que cada indivíduo seja, antes de tudo, fiel a si mesmo, à sua maneira de ver o mundo, teria dito logo no início em *Verdad y perspectiva*, igualmente apresentado no volume primeiro de *El espectador*, pois cada pessoa é única e só ela é capaz de dizer determinados aspectos da circunstância. Diz o filósofo: “Aspiro contagiar as demais pessoas para que sejam fiéis cada qual à sua perspectiva” (p. 20).

A forma como cada pessoa olha o mundo a distinguirá das demais, afirma Ortega y Gasset em *Dios a la vista* (1926). Por exemplo, a atitude agnóstica, de tanta importância na tradição filosófica, é uma forma de olhar o mundo. Ele afirma: “O homem agnóstico é um órgão de percepção acomodado exclusivamente ao imediato” (p. 495). O gnóstico, ao contrário, olha o imediato com desconfiança e busca explicações além de sua experiência próxima. Gnóstico significa para o filósofo não só o homem religioso e nem apenas o que vê disputas entre bem e mal na história, mas aquele a que repugna o imediato. Neste sentido, o movimento gnóstico remonta a Platão que já não se encanta com o imediato diz o filósofo: “Já em Platão se nota o início de tal repugnância, que vai subindo como uma maré, incontrolável” (*idem*, p. 495).

A fidelidade à própria perspectiva não se restringe a um certo modo de pensar o mundo, mas também ao respeito aos sentimentos vividos, esclarece o filósofo em *Apatia artística* (1921):

Eu creio que a maior parte dos homens vivem uma vida interior, de certa maneira apócrifa. Suas opiniões não são, na verdade, suas opiniões, são estados de convicção que recebem de fora por contágio e o que acreditam sentir não o sentem realmente, senão que, melhor, deixam repercutir em seu interior emoções alheias (p. 335).

O sentido íntimo de fidelidade a um modo de ser é um compromisso do homem com ele mesmo, uma vida autêntica depende da fidelidade a si. É claro que esta fidelidade tem também um aspecto social ou coletivo, pois para respeitar a própria perspectiva há aspectos culturais. Por exemplo, enquanto o espanhol parece ter certa vergonha quando se percebe se deliciando com alguma coisa, o francês, ao contrário, entende que, diz em *Tema de viaje*: “Viver é gozar o viver. Porém advirta-se que gozar não significa uma atitude meramente passiva, gozo de uma atividade enérgica, mercê da qual nos voltamos para o espontâneo” (p. 374). Portanto, a fidelidade a um modo de ser inclui aspectos diversos da *circunstância* pessoal, afetiva, intelectual e grupal. O que o homem aprende no grupo tem raízes profundas em suas virtudes e impulsos, o que significa que a fidelidade ao cultural é também a fidelidade a seus impulsos profundos transformados pela vida coletiva. Em outras palavras a exigências mais íntimas de cada um encontram no espaço social um lugar para se realizar.

A fidelidade à perspectiva é frequentemente o respeito a uma força íntima que se expressa numa profissão, diz em *Intimidades* (1929): “às vezes a vocação do indivíduo coincide com as formas de vida, que se desenvolve segundo ofícios ou profissões. Há indivíduos que, com efeito, são vitalmente pintores, políticos, negociantes ou religiosos” (p. 656). No entanto, a expressão vital de uma perspectiva pode se realizar em diversas profissões, como também se pode exercer uma profissão sem qualquer fidelidade à própria vocação. Em resumo, o desejo humano é a fidelidade à perspectiva, idéias, sentimentos e vocação.

A fidelidade a esta perspectiva é também o respeito ao que há de mais singular no homem, sua limitação ou finitude. A fidelidade ao humano inclui o respeito à morte, não à morte química que é infra-humana ou à imortalidade que é sobre-humana, mas ao respeito do homem pelo fim que está obrigado a viver. Diz em *Notas del vago estio* (1925): “A humanização da morte só pode consistir em usar dela com liberdade, com generosidade e com graça. Sejamos poetas da existência que sabem ajustar sua vida a rima exata em uma morte esperada” (p. 433).

Finalmente a fidelidade a si tem implicações no fato de sermos homem e mulher. Na mulher, o que mais encanta não é a elegância das vestes e das atitudes, mas a riqueza do íntimo construído em horas de solidão ou mergulho em si, esclarece o pensador: “A mulher admirável que agora nos preocupa revela em todo seu ser um tesouro composto das horas de solidão” (idem, p. 450).

Circunstância e temporalidade

O homem é histórico e vive numa cultura que também o é. Como o filósofo pensa este aspecto fundamental da *circunstância*? Antes de tudo reconhece a importância da herança que as gerações recebem. A estrutura axiológica da sociedade se formou no passado e é transmitida de geração em geração em contínuo aperfeiçoamento. Para compreender a sociedade é necessário entender como se formaram seus valores, ele esclarece em *Tierras de Castella*: “que é conveniente voltar de quando em quando uma grande olhada na profunda alameda do passado: nela aprendemos os verdadeiros valores – não no mercado do dia” (p. 44).

O passado permanece conosco, algumas vezes parece morto, mas está apenas adormecido. Quando as exigências do presente reduzem a sua urgência o passado volta e mostra sua face, diz o filósofo em *Azorin: primores de lo vulgar* (1917): “Basta que nos desentendamos com a urgente atualidade para que se acenda a flor da alma e todo esse passado se põe de novo a ressoar” (p. 161). Assim basta um tempo sem urgência para que retorne à consciência a dor daquele amor juvenil que ficou para trás, também insistem em retornar as lembranças das músicas e poemas que nos encantaram algum dia. Também os valores passados voltam e mostram sua força. Os valores marcam a vida dos grupos e estão na base da cultura.

O retorno do passado ao presente implica que se interrompa o ciclo de destruição que o tempo produz. A vida humana é uma realidade que convive com a ruína, ele explica: “algo é uma ruína quando sai dela o esforço vital que evita que a morte perpetue seu gesto destruidor. Nas ruínas quem propriamente permanece é a morte” (p. 172). Enquanto permanece o esforço vital a destruição causada pelo tempo é afastada, mas quando se perde a ruína se instala. Isto vale para valores, coisas e ideias, embora seja diverso o esforço feito tanto para preservá-las como para recuperá-las.

Os valores, coisas e ideias mudam com o passar do tempo, mas isto não se dá de modo crescente como ocorre no domínio da técnica. No que se refere à evolução destes aspectos o progresso não é quantitativo, mas de aprofundamento. Quanto mais entendemos certas questões, mais mudamos nossa percepção delas. Diz o filósofo em *Três quadros del vino* (1911):

O progresso verdadeiro é a crescente intensidade com que percebemos meia dezena de mistérios cardeais que na penumbra da história latejam confusos como perenes corações. Cada século, ao chegar, traz uma sensibilidade peculiar para alguns destes grandes problemas, deixando outro como esquecidos ou aproximando-se deles toscamente (p. 50).

No ensaio *El Quijote em la escuela* (1920), Ortega y Gasset analisa as transformações no ciclo vital das pessoas, aprofundando a descrição do núcleo mais íntimo da vida pessoal. Ele esclarece então que o homem muda e esta alteração não significa só perda ou ruína. A vida traz modificações na maneira de viver da infância à maturidade. “A passagem da infância para a maturidade significa simplesmente a troca do regime vital, a alma que antes girava em torno do desejável, agora para a órbita da realidade” (p. 304). Isto significa que a vida do adulto é mais voltada para responder aos desafios da vida longe das fantasias e desejos, numa evidente relação entre Psicologia e Biologia. No ensaio *Vitalidad. Alma, espíritu* (1924), o filósofo aprofunda a análise da imagem interna do corpo, que não é qualquer imagem, mas é uma em que se experimenta a vida psíquica e toda nossa compreensão do exterior.

O desenvolvimento psíquico, contudo, não está fechado sobre si mesmo, há algo de cultural no modo de viver esta mudança em direção à realidade, pois há períodos históricos onde sonhos e fantasias são mais aceitos. Mesmo o adulto estando mais próximo da realidade ele lida com seus desejos de maneira diferente nos diversos ciclos da história, esclarece em *Elogio del Murciélagos*. As mudanças culturais são elementos da *circunstância* que afetam a vida das pessoas. Ele diz que “as ações utilitárias do indivíduo ou da sociedade não dependem só deles, cada qual faz o que pode, o que as *circunstâncias* impõem ou permitem” (p. 320).

Ao examinar épocas distintas é preciso diferenciar os fatos vividos dos ideais nelas presentes. Qualquer comparação entre momentos históricos diferentes pede a distinção entre fatos e fazer da vida dos ideais e normas aceitas. Nisto também se verifica a influencia do kantismo, que foi essencial na primeira fase da meditação orteguiana. Assim ele diz em *Notas del vago estio*: “Quando se comparam os tempos, há de se usar uma bipartição. Há de se comparar os fatos de uma época com os de outra, e, em separado, os ideais ou normas vigentes em ambas” (p. 434).

A vida é histórica, circunstância que pede uma reflexão de caráter meta-histórica para entender o significado da afirmação. Para Ortega é preciso evitar duas atitudes radicais e contrárias, comenta na conferência *Para un museo romântico* (1921). Viver no tempo não significa reduzir o passado a algo que só tem sentido em função do presente e só se compreende pela atual geração.

Isto seria assim se o passado só tivesse importância por tornar possível fatos experimentados hoje. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) teve esta dificuldade ao examinar o destino da América porque o continente vive voltado para o futuro, enquanto para Hegel “o histórico é, em sentido muito especial, o passado” (p. 567), esclarece Ortega y Gasset no ensaio *Hegel e a América* (1928). Também é preciso evitar o futurismo que é tomar o passado e o presente como formadores de um futuro que não chega nunca. A exata dimensão do tempo como circunstância humana é apresentada na conferência acima mencionada. Ali afirma: “como vocês vêem, coincidem ambas as atitudes extremas em diminuir a existência, é esta um prisma mágico, com suas três dimensões de passado, presente e futuro, donde o raio da vida vem quebrar-se com esplendor de um arco-íris” (p. 516).

O passar das gerações revela um fenômeno curioso. Como cada época possui seu próprio modo de ser, segundo descreve em *Nuevas casas antiguas* (1926). Ali afirma que há períodos em que os homens estão em melhor sintonia com as suas exigências. Outras vezes ocorre o inverso e são as mulheres quem melhor vivem as exigências do tempo. Ele explica em *Intimidades*: “Há épocas em que o homem se adianta até em maneiras sutis de existência que a mulher contemporânea é incapaz de sentir: assim é nos séculos V e VI de Atenas. Outras vezes é a mulher quem vai na vanguarda” (p. 647).

As reflexões orteguianas sobre o tempo mostram a importância da meta-histórica. Não há compreensão ou acontecimentos sem uma percepção ampla do sentido da história. Este assunto foi proposto em *Abenaldún nos revela el secreto* (1928), onde ele diz que “não há história sem meta-história” (p. 674) e foi aprofundado no livro *O tema de nosso tempo* (1923). No oitavo livro de *El espectador* fica claro o que interessa realçar neste trabalho: a história é parte da circunstância do homem e das sociedades. Há na circunstância elementos para se compreender melhor o passado como afirma Amoedo (2007; p. 97): “Retomando a ideia de que há na paisagem uma possibilidade de perceber um nódulo meta-histórico que promete o encontro, na atualidade, com realidades históricas passadas”.

Considerações finais

Procuramos indicar de que modo o conceito de *circunstância* é fundamental na reflexão orteguiana. Ele ajuda a entender o aspecto nuclear da ontologia elaborada pelo filósofo, diferenciando-a de outras elaborações teóricas de seu tempo. O núcleo essencial de sua meditação em torno da vida depende da inseparabilidade entre o eu e a circunstância, e do significado de ambos. Deixamos claro que o conceito usado nos trabalhos finais do filósofo foi desenvolvido nos oito livros de *El espectador* depois de ter sido apresentado,

inicialmente, na introdução de *Meditações do Quixote*. A transformação que o conceito passou foi importante, inicialmente usado para traduzir o entorno do corpo ou da proximidade temporal destacada por Edmund Husserl, evolui para significar *tudo* o que envolve o *eu*.

Entender bem o conceito de *circunstância* é essencial para se avaliar a ontologia orteguiana, pois o objeto fundamental da filosofia, a vida, depende dele, conforme diz Ortega y Gasset em *Azorín: primores de lo vulgar*. A vida não se confunde com *circunstância*, mas depende dela. A vida é o modo como o eu lida com a circunstância da qual não se separa. Nos *Ensaio de crítica sobre Pio Baroja* (1910), a vida torna-se o objeto fundamental da reflexão orteguiana, vida entendida como um que fazer fiel à sua realidade íntima. Toda a obra filosófica orteguiana é um mergulho em contínuo aprofundamento do tema da vida. Em *el origen deportivo del Estado* (1924), parte de *El espectador VII*, a compreensão orteguiana já tinha atingido a maturidade. Ali a vida é tarefa a ser realizada no mundo, vida é uma forma de tratar o mundo, de “dirigir-se a ele, atuar nele, ocupar-se dele” (p. 607).

A partir da formulação do conceito de *circunstância* mostra-se a importância de sua transformação como a tarefa fundamental da vida de cada homem, disto dependendo o sentido que cada um quer dar a sua existência. Conforme observa Amoedo (2002; p. 231): “Não se trata somente, [...], de ter que fazer algo na circunstância, trata-se de ter de fazer algo na sua circunstância ou, numa expressão que Ortega usaria mais tarde com muita frequência, ter de saber a que se ater”.

Referências bibliográficas

AMOEDO, M.I.A. *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação*. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 2002.

AMOEDO, M.; BARROS DIAS, J.M. & DELGADO, A.S. *José Ortega y Gasset: leituras críticas no cinquentenário da morte do autor*. Évora: Editora da Universidade de Évora, 2007.

CARVALHO, J.M. de. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: CEFIL, 2002.

CARVALHO, J.M. de. Vida e valores na filosofia da razão vital de Ortega y Gasset. In: J.M. de CARVALHO (org.). *Problemas e teorias da ética contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CARVALHO, J.M. de. *O homem e a Filosofia: pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

MARÍAS, J. *Acerca de Ortega*. Madrid: Espasa Calpe, 1991.

ORTEGA Y GASSET, J. Ensayos de crítica sobre Pio Baroja. El espectador I. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Tierras de Castilla. El espectador I. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Três quadros del vino. El espectador I. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Verdad y perspectiva. El espectador I. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Estética em el tranvía. El espectador I. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Azorin: primores de lo vulgar. El espectador II. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. De Madrid e Asturia o los dos paisaje. El espectador III. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. El Quijote en la escuela. El espectador III. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Elogio del Murciélago. El espectador IV. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Conversación em el Golf o la Idea del Dharma. El espectador IV. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Temas de viaje. El espectador IV. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Apatia artística. El espectador IV. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Notas del vago estio. El espectador V. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Vitalidad, alma, espíritu. El espectador V. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. La interpretación bélica de la historia. El espectador VI. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Dios a la vista. El espectador VI. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Para un museo romântico. Espectador VI. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Nuevas casas antiguas. El espectador VI. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Sobre la expresión fenómeno cósmico. El espectador VII. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Intimidades. El espectador VII. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Hegel e a América. Espectador VII. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. El origen deportivo del Estado. Espectador VII. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Egípcios. El espectador VIII. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Divagación ante el retrato de la marquesa de Santillana. El espectador VIII. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. Abenjaldún nos revela el secreto. El espectador VIII. *Obras completas*. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

SCIACCA, M.F. *História da Filosofia*. v. III, São Paulo: Mestre Jou, 1968.